

2008

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00114-470

Data 08/10/2007

☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



MARAÍZA PEREIRA DA SILVA

A DESOCULTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

82.03

55862

22.01

C92568945

Pontes e Lacerda
2007



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



MARAIZA PEREIRA DA SILVA



A DESOCULTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de curso apresentada ao Departamento de Letras (DL), da Universidade do Estado de Mato Grosso- Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras

Orientador: Prof. Epaminondas de Matos Magalhães

Pontes e Lacerda
2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Epaminondas de M. Magalhães

Prof^a. Walmira Sodré Austríaco Moraes

Prof. Weberson Fernandes Grizoste

DATA: _____ **NOTA:** _____

Dedico este trabalho aos meus pais e meus familiares que me auxiliaram a construir este trabalho e realizar esta tarefa laboriosa.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não foi tarefa solo. Foram muitas contribuições para que este sonho chegasse ao fim. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente, em especial:

A Deus, pelo dom da vida e pela sabedoria dada, para que eu chegasse até onde cheguei.

Ao professor Epaminondas, pelas horas dedicadas a leitura, pelo incentivo e apoio para a conclusão deste trabalho monográfico.

Aos meus familiares que me apoiaram durante os anos que cursei esta faculdade.

Aos colegas pela companhia no trajeto de percurso que fizemos juntos nestes longos anos de caminhada.

Grito imperioso da brancura em mim...

Me sinto branco, fatalizadamente um ser de mundos que nunca
vi

Não acho nada, quase nada, e meus ouvidos vō escutar
Outras vozes de outras falas de outras raças mas formação. Mas
forçura.

Me sinto branco na curiosidade imperiosa de ser
Mas eu não posso me sentir negro nem vermelho.

Me sinto só branco, relumeando caridade e acolhimento, purificado na
revolta contra os brancos, as pátrias, as guerras, as posses, as
preguiças e as ignorâncias Me sinto só branco agora, sem ar neste ar
livre da América!

(Mário de Andrade)

RESUMO

Historicamente criaram-se uma perversa hierarquia na nossa sociedade, especialmente aqueles aos que é negado o acesso pleno a cidadania e a democracia. Em que suas vozes se fazem ouvir surda e violenta. E essa sociedade começa a se preocupar pela construção de dinâmicas sociais mais inclusivas e participativas, em méritos casos ensinadas exclusivamente para minimizar tensões e conflitos. Certamente já não é possível negar esta problemática

Durante o romantismo tínhamos a total ocultação do negro na literatura, principalmente no plano de nacionalidade trabalhado por Alencar, posteriormente a visão do negro passou a ser construída a partir do prisma da marginalização ou da escravidão, ficando neste projeto durante longos anos e só foi quebrado com o advento do modernismo.

Em especial Mario de Andrade com a publicação de sua obra *Macunaíma* estabelece uma narrativa literária que engloba o negro como componente das três raças brasileiras, e lado a lado a essas duas outras adquire valoração, perfazendo desta forma um novo epigramário da identidade nacional no Brasil.

A obra de Mário de Andrade apresenta um subtítulo "herói sem nenhum caráter", o que indica não a ausência total de caráter, mas um caráter ainda em formação, que representaria por sua vez, a cultura brasileira e a identidade nacional como algo inacabado, ainda em construção

Palavras Chave: Mário de Andrade, negro, ocultação, imagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
------------------	----

CAPÍTULO

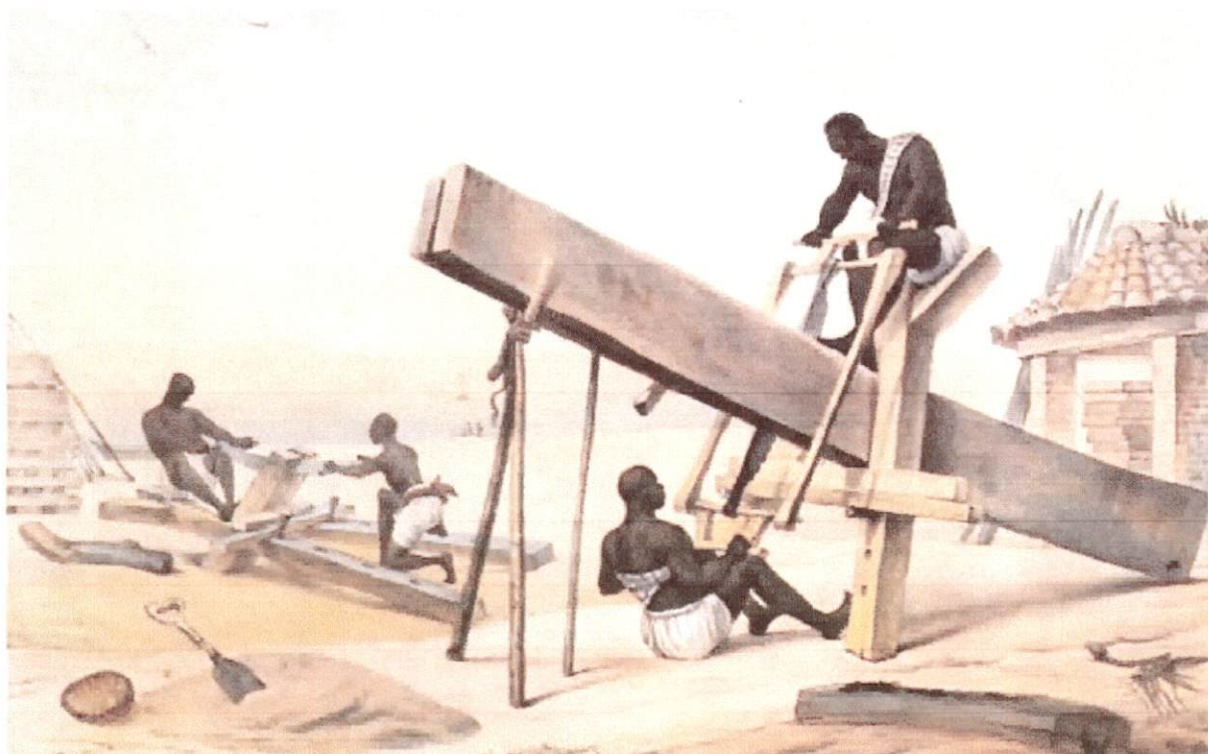
I A TRAJETÓRIA DO NEGRO NA LITERATURA, DO ROMANTISMO AO PRÉ-MODERNISMO: UMA QUESTÃO DE OCULTAÇÃO.....	12
1.1 Romantismo: a construção da nacionalidade brasileira	17
1.2 A identidade malandra: uma visão de sujeito nacional.....	21
1.3 Tia Nastácia- a imagem do negro como serviçal	24

CAPÍTULO

II A DESOCULTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	29
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
---------------------------------	----



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco de estudo a ocultação do negro no cenário literário brasileiro. Seu aparecimento estava condicionado apenas a sua função escravista não era visto como integrante da cultura brasileira e, portanto englobado no projeto de construção da nacionalidade.

Os estudos acerca da ocultação do negro na literatura brasileira e seu aparecimento como identitário da brasilidade, decorreu de um plano que visou restaurar desde as primeiras manifestações literárias até os pressupostos modernistas à constituição da identidade brasileira. Nas obras produzidas durante o período romântico, em especial, o personagem negro ausentava-se da tessitura literária e só adquire caráter de matéria deste plano de nacionalidade no modernismo.

Para construção do referencial teórico que norteasse meu estudo exploratório busquei em Rosenfeld (1985), Cândido (2000), Souza (1979), Bernd (2003), Bandeira (1992) entre outros, que subsidiaram as discussões sobre a questão da construção da identidade nacional.

Durante o romantismo tínhamos a total ocultação do negro na literatura, principalmente no plano de nacionalidade trabalhado por José de Alencar, posteriormente a visão do negro passou a ser construída a partir do prisma da marginalização ou da escravidão, ficando neste projeto durante longos anos e só sendo quebrado com o advento do modernismo.

Com o literário desde o romantismo até o modernismo constatei que o projeto de construção da nacionalidade foi gradativamente alterado, buscando em dado momento imagens heróicas que não priorizavam o negro. Assim o projeto de nacionalidade só efetiva-se a partir da obra *Macunaíma*, 1954 de Mário de Andrade que buscou construir uma identidade nacional em consonância com a mestiçagem brasileira, neste aspecto o negro, o índio e o branco compõem o viés de nossa brasilidade.

Para compreender primeiramente a trajetória do negro na literatura brasileira foi necessário recorrer a textos que versassem acerca do processo de construção da nacionalidade brasileira e da ocultação do negro nesta. Nesta perspectiva o primeiro capítulo intitulado "A trajetória do negro na literatura, do romantismo ao pré modernismo: uma questão de ocultação" buscamos compreender todo o processo de construção da nacionalidade brasileira partindo pelo viés da ocultação do negro. Traço desde o romantismo a partir das obras alencarianas, *Iracema* e *O guarani*, 2000 o perfil identitário da brasilidade englobando apenas o índio pelos moldes europeizados e o branco, posteriormente analiso a relação da construção da identidade nacional na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Antônio Manuel de Macedo em que o negro permanece oculto e o plano da nacionalidade ocorre pela vertente da falta de caráter do povo brasileiro. Já no pré-modernismo analiso o aparecimento do negro em especial nas obras de Monteiro Lobato, que

compreendem o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, através da personagem Tia Nastácia, em que seu aparecimento está condicionado a uma visão escravista.

No segundo capítulo intitulado "A imagem do negro na literatura brasileira", direcionei meu estudo para o aparecimento do negro na literatura como formador da identidade nacional. Neste plano analiso a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a fim de demonstrar o negro dentro do projeto de construção da nacionalidade e integrante da raça brasileira.

Em nossas considerações finais traço o perfil desta construção da nacionalidade pautado no modelo do negro como constituinte da raça brasileira. Demonstrando que no modernismo através de Mário de Andrade, o posicionamento da nacionalidade perde seu pressuposto preconceituoso e ocultativo, trazendo o negro a constituir matéria neste processo literário.





I A TRAJETÓRIA DO NEGRO NA LITERATURA: DO ROMANTISMO AO PRÉ- MODERNISMO UMA QUESTÃO DE OCULTAÇÃO

Historicamente criaram-se uma perversa hierarquia na nossa sociedade, especialmente aqueles aos que é negado o acesso pleno a cidadania e a democracia. Em que suas vozes se fazem ouvir surda e violenta. E essa sociedade começa a se preocupar pela construção de dinâmicas sociais mais inclusivas e participativas, em méritos casos ensinadas exclusivamente para minimizar tensões e conflitos. Certamente já não é possível negar esta problemática.

No passado recente a mão de obra escrava negra possibilitou emergir os pilares básicos do país e dinamizou por quase quatro séculos a expansão e o desenvolvimento econômico do velho e do novo mundo.

Milhões de vidas de homens e mulheres traficados de diferentes regiões africanas foram consumidos no perverso processo de acumulação de riqueza do império colonial Português e das demais nações que partilharam da exploração e do tráfico negreiro.

Durante cinco séculos, afirmou-se a supremacia branca e a subjugação dos povos originais, ou seja, dos índios e dos povos africanos, os negros.

A escravidão brasileira não se confunde com a escravidão colonial dos demais países. Aqui, o que tornou o país possível foi a escravidão do povo negro, ela domou com suor e, sobretudo, o sangue de negro a hostil natureza tropical. O combustível que foi queimado para legitimar a escravidão colonial, antes de qualquer outro, foi o racismo.

No período colonial, o colonialismo e o escravismo foram os focos de produção simbólica na vida social brasileira. O colonialismo e, principalmente a escravidão impregnaram a vida social conferindo sentido às relações sociais, orientando diferentes recortes da realidade social configurando maneiras de ver o mundo. O escravismo colonial é, portanto a primeira base, o alicerce fundamental da cultura brasileira, o fulcro de seus processos de simbolização, a chave da lógica interna da nossa realidade cultural.

A história da população negra no Brasil é uma história de resistências. Resistências organizadas e protagonizadas por organizações e movimentos político-culturais negros, mas fundamentalmente resistências da multidão de negros e negras nas relações cotidianas cujos conteúdos e formas, em grandes parte, foram incorporadas na culinária, na religiosidade, na música, nas artes, nas formas de expressão em geral.

Todavia, há que se ter claro que a cultura, sendo dinâmica, implica processo de transformação. Isso quer dizer que a mudança cultural brasileira, contribui para o entendimento dos processos de transformação da nossa sociedade".
(Bandeira, 1992, p.23).

Nesse passo vimos que o escravismo colonial é ponto que dá sentido a ser branco, negro ou índio, e as relações entre si dão sentido às instituições sociais às práticas, costumes, crenças na concepção de mundo. Dá sentido a diversidade de maneira de viver e a diferenciação religiosa. O escravismo colonial, também qualifica um modo específico de dominação e subordinação, definindo assim um modo igualmente específico de produção da desigualdade, e que constitui critério cultural de conceber e organizar a vida social de apropriação dos recursos naturais, de produção social do espaço, de pensar e expressar a realidade e de estabelecer contatos.

O escravismo envolve as relações representativas coletivas, valores referenciais, regras balizadas pela oposição de senhor-escravo, em que nessa relação senhor-escravo expressa uma posição radical de dominação e subordinação, de pessoa a pessoa que a sociedade se estrutura.

Na antiguidade, a escravidão era, muitas vezes, originária das guerras e não tinha conotação racial para a sua existência. Assim era denominada pelos historiadores de "patriarcal". Os derrotados tornavam-se escravos dos vencedores. O mesmo não acontece na escravidão colonial, como a que tivemos no Brasil. A crença por parte dos invasores europeus da inferioridade dos negros foi que legitimou e autorizou o rapto destes da África. Essa crença que era legitimada pela igreja, faz nascer o comércio escravo, um dos mais sórdidos que a história humana conhece.

A suposta democracia racial e a identidade mestiça constituem estratégias dos grupos dominantes para não permitirem a ocupação de espaço de poder pelos setores historicamente discriminados. Nesse contexto as políticas que beneficiam os

afros - descendentes, dividem a nação em blocos étnicos, conflitos raciais e inclusive separatistas.

As identidades mestiças servem para argumentar que as políticas públicas devem beneficiar toda a população, porque todos e todas, indígenas, brancos e negros, são mestiços pelo processo de colonização.

Essa visão desconhece que uma pessoa sempre é mestiça, e desconhece o papel que cada etnia tem para o processo de conformação de ser mestiço.

A frágil e precária identidade do mestiço teve sua origem nessa situação absurda e infamante que, além do mais, reforçou a sensação ambígua de pertencer a dois mundos contrapostos que se desprezavam mutuamente. Esta situação, ademais, contribuiu para um duplo desprezo do mestiço pelas mulheres indígenas. As relações patriarcais adquiriram esse aspecto que desembocou no machismo. (SILVA, 2003.p.73).

O problema dessa identidade reside em que geralmente as raízes africanas são invisibilizadas pela necessidade do branqueamento. Aqui a cultura da "pigmentocracia" desempenha um papel transcendental, pois a cor da pele mais clara dos indígenas é utilizada pelo sistema como uma aproximação ao branco.

Pois, falavam do país numa perspectiva marcadamente ufanista, que glorificavam as grandezas do nosso povo e de desenvolver o sentimento de amor à pátria e, ao mesmo tempo, veicular um ideal civiliza tório europeizado.

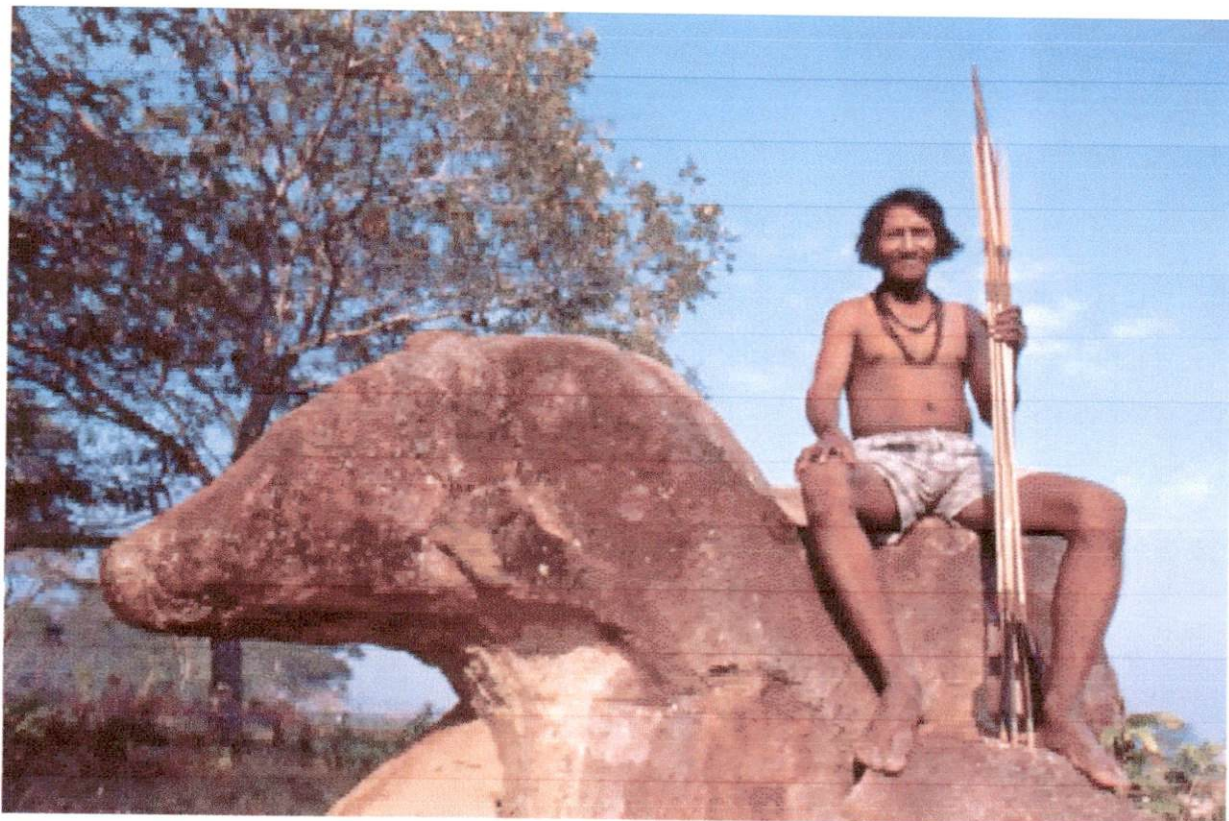
Essa ausência do negro nas cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição. O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais do progresso e civilização. Procurava-se eliminar os antigos hábitos urbanos, assim como afastar dos grandes centros os grupos populares, concebidos como focos de agitação e resistência à nova ordem social. Nesse quadro, o negro era percebido como herdeiro de uma ordem social arcaica e ultrapassado, ligado ao tradicionalismo, à ignorância, ordem a ser substituída por um modelo europeizante, calcado na idéia de progresso.

A escravidão era representada como marca representativa do passado de um país atrasado. Assim a figura do negro, com o seu corpo, suas práticas e sua história constituiria a presença incomoda da antiga ordem escravocrata, incompatível com o projeto de um país “civilizado”.

Excluído do projeto de modernização do país e afirmado estereotipicamente em sua identidade cultural constituidora de brasilidade, o negro assumia um espaço mítico ao longo da narrativa, negando em sua concretude, mas retificado e folclorizado no imaginário literário.

Desta maneira o negro em seu processo de ocultação social, acabou por refletir no cenário literário, em que os escritores, como veremos neste trabalho, de certa forma ocultaram sua presença na constituição da identidade nacional, negando a este o direito de compor e representar esta nacionalidade.

Assim com a chegada das teorias científicas ao Brasil, (darwinismo, racionalismo, positivismo), dá a alguns autores, como Aluísio de Azevedo e Machado de Assis, a fundamentação teórica para criar um retrato de comportamento humano pelo meio, ou seja a discussão da formação da nossa identidade perpassa pela discussão da influência do meio social e da mistura de raça, pois é dessa mistura que resultam indivíduos marginalizados, como os mestiços. Ambos, meio e raça, são comprometido por Silvio Romeiro como “fatores internos que definiriam a realidade brasileira” (Ortiz, 2003:17). Ao meio é atribuída à preguiça, e a mestiçagem o entrave ao processo civilizatório o mestiço representa uma categoria que possibilidade aclimação dos europeus nos trópicos, mas “enfraquece” o sangue branco. A temática da mestiçagem é, neste sentido, real e simbólica; concretamente se refere às condições sociais e históricas das amálgama étnica que transcorre na cenário da literatura brasileira.



1.1 Romantismo: A Construção da Nacionalidade Brasileira

Na literatura Brasileira, o Romantismo mudou os rumos e vitalizou toda inteligência. A literatura apresenta fases culminantes de particularismo literário na dialética. José de Alencar utiliza elementos europeizados no romance "Iracema", como adequação dos elementos da "cor local", que caracteriza fisicamente a protagonista, através de aspectos da natureza brasileira com os quais se aproxima da concepção romântica.

Em "Iracema", obra escrita em terceira pessoa tem um narrador observador, isto é, um narrador que caracteriza os personagens a partir do que pode observar de seus sentimentos e de seus comportamentos. "... O sentimento que ele (Martim)

pôs nos rosto não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara (cap,II)..."

Neste episódio podemos perceber que o narrador conta a história do encontro entre o Índio e o branco – tema da obra –do ponto de vista de Iracema, privilegiando os sentimentos dela e não os de Martim, que representa o colonizador português.

O título do livro – Iracema, assim como o início (cap,II) e o final do enredo (cap,XXXII), centralizam - se em Iracema, que identifica no romance e apresenta a identidade do Brasil negando, no entanto, a figura do negro que não é mencionada na obra. Podemos observar a intensidade lírica da descrição, que romantiza a natureza tropical brasileira e a ela associa a verossimilhança da narrativa, e é sobre esta tropicalidade que se estrutura a construção da nacionalidade.

Na obra encontramos, a proposição, a revelação em tom épico do tema de que incorpora de forma exemplar o mecanismo encontrado por José de Alencar, na construção do mito da prática através da adequação dos elementos da "cor local", a natureza, o índio idealizado aos elementos do romantismo europeu.

Por essa narrativa observamos que a obra Iracema, é um livro no qual há um argumento histórico, que se dá como identidade do povo brasileiro: o índio e a terra que se idealiza no povo europeu. Vê-se também pela forma como o enredo se desenvolveu que José de Alencar romantizou através do amor entre Iracema e Martim, o processo de colonização do Brasil.

Um livro no qual salientamos o caráter épico e idealizador dos elementos da "cor local", fundamentalmente o índio e a natureza que aparecem por uma superposição de imagens e de comparações originais, adequadas a sugestão do nascimento de um novo mundo.

A chamada "cor local" só vai se consolidar na literatura a partir do movimento nacionalista proposto por Dias e (Alencar, 1958:48) que, num primeiro momento, adota o índio como seu mais puro representante onde negro não era visto

como puro para compor a identidade nacional e, um pouco mais tarde, com Castro Alves, importante ícone para o aparecimento do negro na literatura, discute a participação (forçada) do negro na formação da “raça brasileira”. Estabelece-se, então, o cerne das discussões acerca da miscigenação e seus muitos vieses no Brasil.

O Brasil carnaval, o Brasil mulato, enfim, o Brasil exportação nasce no Romantismo, percorre o Realismo com as teorias raciais, o pré-modernismo e o Modernismo em versões mais ou menos diferentes do que se constituiu como “brasilidade” e inicia o século XXI com os discursos de “sou brasileiro e não desisto nunca” e “Brasil, um país de todos”, veiculados pelos meios mediáticos com a chancela do poder público.

Os caminhos percorridos pela literatura no Romantismo, Realismo-naturalismo e Modernismo na composição desse quadro é o que veremos neste trabalho.

Bernd (2003;27) assevera que a narrativa é indissociável da construção da identidade, haja vista que esta acontece porque há um discurso que recupera, sacraliza ou dessacraliza a memória coletiva.

O discurso dos românticos buscou fazer emergir o sentimento de orgulho nacional, orgulho este que não incluía a imagem do negro. Para tanto, agiu com força sacralizante, trabalhando no sentido da recuperação e da solidificação de seus mitos fundadores. Gonçalves Dias e José de Alencar incorporaram a figura do índio como legítimo representante da terra, uma imagem, sem dúvida inventada, uma vez que essa figura, a) tudo visava a que o leitor comparasse o que eles diziam haver aqui à idéia do “paraíso perdido”, descrita na Bíblia.

De um dos cabeços da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossando com os mananciais, que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se um rio caudal. (...) Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do

suserano. Perde então a beleza selvática: suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas (...). (O Guarani, p. 7)

Nesse trecho, podemos verificar a intenção do autor de unir as duas “raças” – o índio e o branco – tanto quanto podemos identificar a idéia, para Alencar, da superioridade do branco, considerado civilizado, diante do não-branco, considerado selvagem (o rio Paquequer, até então pequeno, ao unir-se ao rio Paraíba, torna-se parte deste último, perdendo a beleza selvática e adquirindo o aspecto calmo de lago, ou seja, o selvagem é domado pelo civilizado).

A descrição inicial de Peri é magnífica. Este adquire um aspecto sobre-humano, como os antigos deuses gregos. Sua beleza é associada à magnificência da natureza através do uso de comparações

(...) em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até o meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos, cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante, a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta de graça, da força e da inteligência.

(Alencar, p. 21)

Tanto em Dias quanto em Alencar, a imagem do índio é idealizada, fortemente marcada pela presença do não-índio. Para Bernd (2003:22),

Os textos inaugurais sobre as Américas, escritos pelos descobridores e mais tarde pelos primeiros viajantes e colonizadores, têm uma característica comum: negar uma identidade aos autóctones, insistindo na negatividade, na carência e

cunhando, de certa forma, uma matriz identitária marcada pela falta e pela privação. (2003;22)

Essa visão do autóctone vem a ser mais tarde, ainda no Romantismo, substituída pelo negro. A ocultação deste, recorrente nos textos de Alencar, cede lugar a uma representação como também elemento fundador da nacionalidade desejada, mas novamente mostrada e representada ideologicamente pela mão do não-negro, como o fora pela mão do não-índio. Não devemos, no entanto, cair no engano de achar, como em alguns grupos norte-americanos, defensores dos direitos de determinadas minorias, que é preciso pertencer a uma minoria – ser negro, índio, mulher ou homossexual – para ter o direito de questionar a participação desses grupos na sociedade. Essa formulação conserva e cristaliza um perigoso binarismo opositivo, que não consegue projetar as questões para além da mera inversão de termos (Bernd, 2003). O que se questiona é o fato de que essa representação era utópica e visava fins políticos, mais que de reconhecimento da participação do negro na construção da nação.

1.2 A Identidade Malandra: Uma Visão de Sujeito Nacional

Da união, teoricamente pacífica, das três etnias – o branco, o negro e o índio – nasce um brasileiro que parece concentrar o que há de mais negativo em todas elas. Essa “identidade nacional” desejada começa a constituir-se como o que hoje é chamado de “jeitinho”. A figura mais representativa dessa tendência é, no entanto, ainda no Romantismo e início do Realismo/Naturalismo, representado pelo personagem Leonardo Pataca, de *Memória de um sargento de milícias* que é uma visão crítica do caráter pouco afeito ao trabalho que se julgava ser “marca” da brasilidade.

Compreender a obra “*Memórias de um sargento de milícias*”, escrita por Manuel Antônio de Almeida entre junho de 1852 a julho de 1853, requer antes a

compreensão do estilo de época e a forma como foi publicada, sendo que esta obra chegava ao público em forma de folhetins, por isso os capítulos que compõem tanto a primeira quanto a segunda parte são independentes, ligados apenas pelas vias do narrador e pelas peraltices do personagem principal, que descrevemos como Leonardo Filho. Outra relação importante dentro de tal obra é que esta se constitui uma obra que busca construir os vieses da nacionalidade a partir de um sujeito não pertencente a classe dominante muito menos aos princípios ideológicos do Romantismo.

Segundo Candido (1978)

O sentido profundo das memórias está ligado ao fato delas não se enquadrarem em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira de então: indianismo, nacionalismo, grandeza do sofrimento, redenção pela dor, pompa do estilo, etc. Na sua estrutura mais íntima e na sua visão latente das coisas, elas exprimem a vasta acomodação geral que dissolve os extremos (...). Manuel Antônio é talvez o único em nossa literatura do século 19 que não exprime uma visão de classe dominante (1978, p. 340-1)

É importante destacarmos que a presença de Leonardo Pataca oculta a identidade nacional, em concomitância com o negro, mas queremos aqui evidenciar a mudança de pressuposto para a criação de uma identidade nacional, não pautado mais no índio idealizado.

É um fato curioso que nas cenas pintadas por Almeida, mesmo a obra sendo perpassada em meio a uma sociedade basicamente monárquica rodeada por escravos, com costumes oriundos da África, não são citados tais eventos, ou seja, nenhuma personagem é negra, não há descrição dos costumes deste povo, as referências que temos são as crias de D. Maria, que na realidade são escravas. As cerimônias de feitiçaria como parte do costume das obras românticas que deveriam estar centradas no candomblé ou outras pátrias negreiras, Almeida usa um “caboclo” nos mangues, para demonstrar essas cerimônias, rompendo com a tradição literária de relacionar os ritos feiticistas ao povo africano.

O estilo literário predominante neste período era o Romantismo e como tal era atravessado por um amor exagerado e pela exaltação da figura indígena como herói e verdadeiro constituinte da nacionalidade brasileira. Contudo, a obra já estava em uma fase de transição para o realismo, portanto fugiu basicamente de muitas das características que compunham o Romantismo, em vez de termos um herói rebuscado, que vence as peripécias que a vida impõe e ao final da obra encontra-se vitorioso sobre as barreiras vencidas.

É preciso lembrar que embora criado no Brasil, Leonardo era filho de portugueses e seu caráter falacioso foi descrito como hereditário acrescido das facilidades da boa-vida que lhe fora oferecida pela madrinha, esta sim, brasileira. Entretanto, é com ele que a malandragem, estereótipo ainda hoje fortemente incorporado ao povo brasileiro, começa a ser vista e discutida na literatura, alcançando seu ponto mais reflexivo com Macunaíma, o herói sem nenhum caráter obra que estudaremos no segundo capítulo, escrita por Mário de Andrade no Modernismo. Antes, porém, as escolas bafejadas pelo cientificismo de fins do século XIX e início do XX tentam criar explicações para as condições de vida no Brasil e para as características particulares do povo brasileiro, tido e havido como "atrasado" em relação à Europa, o índio do Romantismo, não tinha voz (Bernd, 2003). Nos poemas de Gonçalves Dias, tanto quanto nos romances indianistas de Alencar, o que se pode perceber é uma figura que deveria ser indígena pensando e agindo segundo os moldes da Idade Média européia critica os escritos.

Desta maneira, Leonardo é um personagem que rompe com a tradição do Romantismo, e se enquadra como o primeiro grande malandro que protagoniza uma história em uma obra brasileira, tudo isso devido a uma tradição folclórica, e ainda é rodeado por uma atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Assim, a identidade nacional passa a ser construída não mais em um modelo de herói virtuoso, mas começa a mesclar elementos de todas as raças que compõem o Brasil.



1.3 Tia Nastácia- A Imagem do Negro como Serviçal

Considerando que a literatura é um espaço de produção e circulação cultural, o estudo da literatura enquanto formação cultural vem galgando maior notoriedade no campo de estudos. Nesse aspecto, o Brasil, a partir do início do século XX, intensifica a investigação acerca da construção da identidade nacional, buscando suas raízes em um universo desprovido de referências. De uma maneira geral a literatura produzida no início do século XX buscou romper com o modelo padrão de identidade nacional no branco e no índio, dando uma nova narrativa para uma visão voltada para o popular e o tradicional que são típicos desta terra.

Como afirma Sevcenko (1992):

Essa busca pelo popular, o tradicional, o local e o histórico não era tida como menos moderna, indicando, muito ao contrário, uma nova atitude de desprezo pelo europeísmo embevecido convencional e um

empenho para forjar uma consciência soberana, nutrida em raízes próprias, ciente de sua originalidade (p. 237)

A brasilidade passa a ser vista a partir de um novo prisma, englobando não mais e somente o branco e o índio, mas como veremos o negro. Contudo, o negro ainda aparece preso a um padrão proençal, ou seja, um serviçal do branco culto e dominador.

O movimento modernista já em seus primórdios, isto é, na pré-modernismo aponta para uma busca das origens e singularidades da cultura nacional, abarcando um contexto étnico racial, em que o negro começava a despontar dar os seus primeiros sinais de constituinte da identidade nacional. O grande ícone desse aparecimento é a Literatura Infantil, na tentativa de construir personagens e temáticas que recuperassem o imaginário folclórico infantil e também construísse ou desse um valor simbólico ao negro.

Assim, nos textos literários do início do século XX, temos o negro enquanto um personagem ocultado em sua grandeza enquanto membro da identidade nacional, ficando presas as cenas domésticas, como o caso da Tia Nastácia, personagem célebre da obra Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato. A personagem tem voz, age e pensa, contudo é desprovida de uma caracterização além da referência racial.

Ao pensarmos em um personagem preso às cenas domésticas, devemos ter mente um processo histórico que nos remete à marginalização do negro após a abolição o que formou uma imagem de seres, mesmo livre dentro de uma ordem hereditária arcaica, calcado na idéia de serviçal e desprovido de qualquer cultura, portanto jamais poderia integrar a nacionalidade brasileira de modo pleno.

A negra, neste caso Tia Nastácia transformara não personagens membros da constituição cultural do Brasil, mas sim agentes socializadores das

crianças braças, numa posição que nos leva a servidão, ainda pautado no modelo escravista que dominou o país.

Não podemos negar que o negro, neste período, começa a aparecer de maneira significativa, associado ao folclore brasileiro e marcando a literatura com suas histórias míticas, seus valores, seus pensamentos. Contudo, devemos pensar que este não encontrava um lugar bem definido na sociedade moderna ainda branca e portanto, seu lugar ficava à parte, ou seja, de certa forma oculto enquanto membro cultural deste país.

Para exemplificar essa de negro à margem da sociedade enquanto constituinte desta apresentaremos uma fala de Pedrinho em *Histórias de Tia Nastácia* encontramos o relato de uma negra enquanto contadora de histórias de seu povo, mantendo assim o distanciamento do negro com o povo brasileiro.

— Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro ela deve saber. Estou com idéia de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela, afirma Pedrinho. (1937, p. 30)

Mais adiante notaremos que Tia Nastácia a partir de uma fala de Emília, a boneca de pano passa novamente à condição de serviçal da família branca. Salientamos então, que a personagem Emília representa a ideologia branca e dominante tão presente e difundida no Romantismo uma vez que ela não aceita a cultura de Tia Nastácia como sendo válida dentro de seu contexto cultural.

- Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras- coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto. (1937, p. 31)

No passo que Tia Nastácia retoma sua condição de cozinheira. Outro fator de relevância é a comparação que Emília faz a cultura negra, transpondo um

ideário nobre e dominador, buscando demonstrar que as histórias populares dos negros nada valiam, sendo estas o reflexo da ignorância e da burrice.

Um fato de destaque a animalização da personagem a partir do beijo, que em um dos diálogos de Emília com Pedrinho esta declara que “beijo é coisa de boi” (1931, p. 36), ao mencionar que Tia Nastácia possuía beijos. Lobato de certa forma demonstra a inferioridade da personagem em relação aos outros personagens humanos.

O espaço social que a personagem Nastácia habita é um lócus simbólico da marginalização, diante da casa grande, e dos requintes que está poder ter, cabendo a ela apenas os serviços a este ambiente. Assim a representação da figura negra na literatura brasileira parte de uma visão estereotipada de inferioridade e desprestígio em relação aos demais personagens.

Lobato busca revelar e trazer para a literatura brasileira um espaço folclorizado através das histórias e dos contos orais da radiação, por meio desses personagens simbólicos que representam a camada popular. Mas ao fazer isso, também deixa margem para evidenciarmos que essa associação está alocada à ignorância e inferioridade a tal ponto que o negro é visto como massa popular desprovida de cultura. Portanto vemos emergir o negro na literatura, mas não como integrante dessa nação. Em uma das falas de Dona Benta, dona do Sítio do Pica Pau Amarelo, representante da elite branca.

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passa-los para outros ouvidos, mais adulteradas ainda. (LOBATO, 1937, p. 30)

Desta forma, o negro surge na literatura brasileira, como representante de uma cultura aparentemente distante da cultura e identidade nacional do Brasil, uma vez que sua representação é inferiorizada, e ocultada.

Não podemos de certa forma, desmerecer o intuito de Lobato, uma vez que ele abre alas para o aparecimento do negro na literatura brasileira como constituinte desta tão sonhada e investigada nacionalidade, como veremos no capítulo II, com uma análise do negro a partir da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1990).



II A DESOCULTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Vivemos em uma época cuja consciência é de que o mundo passa por transformações profundas. Esta realidade provoca em muitas pessoas e grupos, sentimentos, sensações e desejos contraditórios, ao mesmo tempo insegurança e medo, potenciadores de apatias e conformismo, como também de novidade e esperança, mobilizadores das melhores energias e criatividade para construção de um mundo diferente, mais humano e solidário.

Na formação do Brasil e dos brasileiros, a literatura muitas vezes tentou fornecer respostas para uma mesma pergunta: "Afiml quem somos nós?" O Romantismo foi buscar no índio idealizado, forte e submisso como Peri, sensível e honrada como Iracema, um ancestral "nobre" que, se associando ao branco colonizador geraria a nova "raça" brasileira. Posteriormente mostrou que a construção da nacionalidade partiu do sujeito malandro, tipicamente brasileiro pelos seus jeitinhos. Contudo a presença do negro ainda era ocultada neste cenário literário.

Desta maneira a literatura brasileira buscou formar uma consciência nacional como processo de auto-afirmação. Neste plano de auto-afirmação da identidade nacional houve uma maior ênfase e comprometimento por parte dos escritores modernistas, desenvolvendo um conceito de nacionalidade que abarca as diferentes raças da brasilidade.

Neste processo de construção da nacionalidade brasileira, a literatura revestiu-se de duas funções:

há a função de dessacralização, de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escondidos, de desmistificar. Há também uma função de sacralização, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário, ou de sua ideologia (BERND, 1992, p. 17).

Assim, neste processo de construção da nacionalidade, o Romantismo agiu como força sacralizante, o que seria o indicativo de uma consciência imatura, consolidando como nacional a imagem heroicizada do índio.

É importante ressaltar que é somente no Modernismo que acontece a dessacralização da Literatura Brasileira e através da obra *Macunaíma* é que vemos nitidamente esse rompimento. Os românticos havia sacralizado a nossa Literatura, baseados em um único quadro de referência e em torno de um mito utilizaram os elementos mais puros de nossa cultura, que é o índio e a paisagem e os idealizaram.

Neste processo de sacralização emerge o mito do "bom selvagem", difundindo aspectos típicos da nobreza portuguesa, aos então elementos puros de nossa nacionalidade, ou seja, o índio. Encontramos personagens destoados de sua verdadeira constituição enquanto sujeitos indígenas tendendo mais para um primitivismo alegórico português.

Essa perspectiva do "bom selvagem" na literatura brasileira surgiu a partir das idéias iluministas de Jean Jacques Rousseau e teve uma grande aceitação no meio literário. O mito em si demonstra que o homem nasce puro, mas é corrompido pela sociedade, daí o grande interesse pelo índio, ainda não corrompido pela sociedade. Contudo esse pensamento foi distorcido e o índio passou a ser visto como ideal primitivo, atrasando assim o aparecimento do negro, tido como impuro, e pertencente a outra nação, o que dificultava a sua aceitação no processo de constituição da nacionalidade.

Com a eclosão do movimento modernista no Brasil e já com as novas perspectivas para a constituição da nacionalidade em Macedo e Lobato, o índio passa a ser visto não mais como único representante da nacionalidade brasileira, incorporando a ela a presença ainda mesmo distante de sua real importância ao seu aspecto histórico.

De acordo com Cândido (2000):

O modernismo rompe com este estado de coisas, as nossas deficiências supostas ou reais, são reinterpretações como superioridades [...] O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. (p.120).

Em especial Mario de Andrade com a publicação de sua obra *Macunaíma* estabelece uma narrativa literária que engloba o negro como componente das três raças brasileiras, e lado a lado a essas duas outras adquire valoração, perfazendo desta forma um novo epigramário da identidade nacional no Brasil.

A partir de agora, enfocaremos a obra “*Macunaíma*”, de Mário de Andrade, a fim de demonstrarmos a imagem do negro no processo de construção da identidade nacional. A presente obra é um dos pilares do Modernismo no Brasil e nos propomos a analisar a mesma, elencando alguns pontos visualizados durante a leitura da referida obra, nos quais destacam se características pertinentes ao movimento literário em questão. Trabalharemos a constituição da figura do negro a partir deste movimento literário, no que concerne a obra “*Macunaíma*”.

A obra *Macunaíma* é narrada em 3ª pessoa, mas o autor inova na escrita quando faz cortes bruscos no discurso do narrador para dar vez à fala dos personagens, principalmente à do herói. Essa técnica inovadora caracteriza a estética moderna atribuindo velocidade simultânea e continuidade a narrativa.

Segundo Anatol Rosenfeld (1985 p.72), essa perspectiva exprime uma nova visão do homem e da realidade, ou melhor, é uma tentativa de redefinir a situação do indivíduo, tentativa que se revela no próprio esforço de assimilar, na estrutura da obra de arte, a precariedade da posição deste indivíduo frente ao mundo moderno.

O tempo e o espaço na obra *Macunaíma*, são desrealizados, as estripulias do herói não se comportam com tempo e espaços reais, pois ao mesmo tempo em que está em São Paulo ele foge para o Rio de Janeiro, logo já está na fronteira do Mato Grosso e Amazônia e sucessivamente *Macunaíma* realiza fugas espetaculares, mágicas.

Macunaíma, protagonista do enredo, é o mosaico representativo da "nossa gente", "criança feia" nasce negro, filho de uma tribo indígena; mais tarde ele se banha nas águas de uma fonte e fica branco de olhos azuis" (p.13, 1893-1945). Originário das matas, quando vem para cidade de São Paulo vai aos poucos aprendendo a cultura urbana, educa-se nos livros, percebe que os brasileiros se comunicam em duas línguas completamente distintas, ou seja, a língua empregada no cotidiano "popular" e a língua escrita "cult".

A obra de Mário de Andrade apresenta um subtítulo "herói sem nenhum caráter", o que indica não a ausência total de caráter, mas um caráter ainda em formação, que representaria por sua vez, a cultura brasileira e a identidade nacional como algo inacabado, ainda em construção.

Desta forma, enfatizamos o contra-discurso que Mário de Andrade faz na obra *Macunaíma* em relação à estética anterior, pois o autor reconhece que o mito criado pelos românticos não é verdadeiro e faz em sua obra uma exploração criativa do folclore, da tradição oral e da linguagem coloquial, mostrando a diversidade que existe no Brasil. Assim, Mário de Andrade nos mostra literariamente que para se criar uma identificação para esta nação é preciso levar em conta que o país tem uma identidade heterogênea, ou seja, é preciso considerar a miscigenação.

Portanto, compreendemos que o Modernismo foi um grande ampliador e criador de novas técnicas que se instalaram na Literatura brasileira com a geração de 22, com o objetivo de romper com o passado literário e ao mesmo tempo resgatar as tradições tipicamente brasileiras e que Mário de Andrade mostrou, através do índio e do negro, sendo estes os elementos primordiais da cultura brasileira e o primitivismo que proporcionariam a reconstrução da realidade nacional e retratou na obra *Macunaíma* a mistura de culturas e raças existentes no país.

Sabemos que o Modernismo tem como marco cronológico na historiografia literária o ano de 1922, quando realizou-se a Semana de Arte Moderna em São Paulo. Porém, antes de 1922, os participantes da referida Semana já produziam suas obras, apontando para o nascimento de uma nova estética. Desta forma, a realização da Semana de 22 reuniu e apresentou a um público restrito, alguns dos artistas paulistas e cariocas que já cultivavam modernas formas de expressão. Assim:

A semana de Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova Literatura, coordenado, graças ao seu dinamismo e as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música e nas artes plásticas. (CANDIDO, 2000 p.118).

Em *Macunaíma*, Mário de Andrade apresenta o Brasil através do índio, mas um índio destituído das idealizações dos Românticos. O herói desta obra é um índio moderno e contraditório, pois não apresenta semelhança com nenhum dos heróis vistos até então. Já no capítulo I acerca do nascimento de *Macunaíma*, vimos a diferença entre este personagem e os demais apresentados no período romântico.

No fundo do mato-virgem nasceu *Macunaíma*, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. (ANDRADE, 1973)

Percebemos que há intertextualidade entre a obra “Macunaíma” e “Iracema”, esta de José de Alencar, ao iniciarem suas obras os autores escrevem de forma semelhante, em relação ao discurso idealizador de Iracema, Alencar evidencia que:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo de jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendiam no bosque como seu hálito perfumado (ALENCAR, 1987)

Com relação ao conteúdo, ambas as obras se diferem, pois ao contrario do estilo romântico, Mário de Andrade adere uma nova estética e apresenta “O Herói da Nossa Gente” que nasceu na selva, é filho de uma índia da tribo Tapanhumas, era preto retinto, uma criança feia e malandra desde pequeno. A diferença entre Macunaíma e Iracema está relacionada à preocupação da estética modernista, em que reinterpretar os traços de superioridade que compõem o primitivismo e o nacionalismo brasileiro. Assim vemos claramente o processo de sacralização da literatura romântica pondo o índio em um patamar de idealização e a dessacralização pela literatura moderna que desmistifica o conceito heróico e idealizador do plano romântico.

Segundo Cândido (1967)

O nosso modernismo importa essencialmente, em sua fase heróica, na libertação de uma série de recalques históricos, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Este sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular (...). As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades (...). O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. (1967, 67)

No início da obra já visualizamos que o autor de Macunaíma não parte de um mito para construir sua narrativa como fez José de Alencar e sim, parte de um contra-discurso, Andrade acrescenta o negro como elemento que também faz parte da origem do povo brasileiro. Vale ressaltar que a intertextualidade se manifesta numa obra quando o autor, no decorrer de sua narrativa utiliza-se de personagens ou de fatos de outras obras. Portanto, os autores buscam outras fontes, sofrem influências de outros autores no desenvolvimento de suas obras e movimentos literários, por isso, nos deparamos muitas vezes, em determinada leitura com assuntos que nos lembram leituras anteriores, ou seja, assuntos correlatos.

Partindo também desta perspectiva destacamos que a narrativa deste personagem, tendendo mais para um anti-herói (não é nossa perspectiva discutir a noção de anti-herói), foi criada a partir de uma pesquisa do autor a respeito das lendas amazônicas, recolhidas por Koch- Grumberg e publicadas na obra Von Roraima Zum Orenoco, de 1916. Segundo o mito lendário do Amazonas Macunaíma significa "o grande mau", uma vez, que era um deus indígena, que reunia o bem e o mal em sua índole.

Macunaíma, enquanto personagem sem nenhum caráter, e verdadeiro representante da identidade nacional do Brasil, começa sua viagem fantástica pelo Brasil quando perde a Muiraquitã e descobre que a pedra foi engolida pela tartaruga e levada para São Paulo pelo colecionador de jóia Venceslau Pietro Pietra. A procura pela pedra pode estar representando na obra a busca do autor pela verdadeira identidade dos brasileiros, uma vez que essa constituição da identidade nacional passou por vários percalços ao longo do Brasil literário. Na obra Macunaíma, Mário de Andrade traça o perfil do herói brasileiro como produto de uma grande mistura étnica e cultural.

Segundo Gilda de Mello e Souza (1979 p.28), o modelo que compõe Macunaíma é semelhante ao processo criador da música popular, através de duas

formas básicas: a suíte e a variação. A partir dessas duas formas, o texto se liga a outros mundos imaginários que são regidos por significação autônoma. Desta forma, a autora defende a idéia de que Mário de Andrade não teria usado processos literários de composição e sim o processo de composição musical e criador do populário.

No capítulo V da obra, os três irmãos, Macunaíma, Jiguê e Maanape, tomam banho na água encantada, na ordem citada, o primeiro sai da água branco e de olhos azuis, o segundo fica da cor de bronze, pois a água já estava suja, já Maanape só consegue molhar a palma das mãos e dos pés que ficaram vermelhas. Neste capítulo o autor apresenta as três raças que deram origem ao povo brasileiro. Conforme Eneida Maria de Souza, na obra *Persoae*:

As três raças brasileiras estão aí simbolizadas pelos três irmãos, de maneira caricata: o branco é esperto, ingênuo e preguiçoso ("Macunaíma era muito preguiçoso"); o negro, marcado pelo discurso da superstição ("Maanape era feiticeiro"); e o índio, dotado de pouca inteligência ("Jiguê era muito bobo") mas este discurso atua de forma irônica, ao ser repetições de forças populares e lendárias utilizadas com o intuito tanto de reforçar o lugar-comum quanto de confundir as definições de raça. A ausência de caráter desses personagens se explica pela sua natureza chapada e convencional, por ter sido geradas com base em textos de diferentes procedências. Macunaíma irá encarnar as contradições e a falta de coerência de outros tipos retirados do populário nacional. (2001, p.147).

Nas trilhas da construção da identidade nacional, o modernista Mário de Andrade foi o que melhor conduziu esse processo por meio de uma narrativa que representa a origem do povo brasileiro. Mário de Andrade constitui um marco investigativo que condensa a verdadeira representação da nacionalidade. Neste modelo de representação Mário de Andrade integra o mito do indígena e o mito dos africanos, modelando a nacionalidade a partir do viés das três raças brasileiras: o branco, o índio e o negro. Macunaíma representa a síntese da criação nacional: um Brasil só e um herói só, que compreende todas as raças deste país.

Macunaíma reúne em si as características das três raças brasileiras, em especial o aparecimento da imagem do negro, embora seja “preto retinto”, e depois se torne “branco loiro”, não sofre o processo de desaculturação, e não assume os valores brancos. Assim segundo Bernd (1992 p.14), Macunaíma é livre de ideologias e não se restringe a nenhum modelo pré-concebido.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo deste trabalho demonstrar como ocorreu o processo de construção da identidade nacional, partindo desde o Romantismo ao Modernismo, neste analisando a conjuntura do negro na obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade. O trabalho mostrou que a imagem do negro foi ocultada durante um longo período. Sua presença na literatura brasileira só surge no século XIX, contudo ligada a uma perspectiva escravista, criando estereótipos que só serão quebrados com o Modernismo.

No bojo deste trabalho percebemos que o negro, no plano romântico da construção da nacionalidade, é ocultado pelo seu físico e seus estereótipos estes eram encarados como desprovidos de feitos heróicos. Neste processo os grandes escritores em suas narrativas, fazem com que os feitos dos negros sejam ocultados.

Na literatura brasileira, o Romantismo muda os rumos e vitaliza toda inteligência. A literatura apresenta fases culminantes de particularismo literário na dialética. José de Alencar utiliza elementos europeizados no romance "*Iracema*", como adequação dos elementos da cor local que caracteriza fisicamente a protagonista, através de aspectos da natureza brasileira com os quais se aproxima da concepção romântica, contudo nesta, não temos o negro como integrante da nacionalidade.

A figura do negro, mais configurada nas manifestações literárias do século XIX, culminou por tornar-se, como afirma Antonio Candido (2000 p.122), a imposição da presença do negro mesmo que essa estivesse marginalizada, na medida em que acabou escoando na *aceitação* do negro e do mestiço de negro reconhecido como tal enquanto emocionalmente e socialmente bem comportados,

dóceis, resignados e que, como Tia Nastácia, sabem reconhecer o lugar que socialmente lhes foi imposto

É importante ressaltar que é somente no Modernismo que acontece a dessacralização da Literatura Brasileira e através da obra *Macunaíma* é que vimos nitidamente esse rompimento. Os românticos havia sacralizado a nossa literatura, baseados em um único quadro de referência e em torno de um mito utilizaram os elementos mais puros de nossa cultura, que são o índio e a paisagem e os idealizaram.

Assim, a imagem escravista na literatura brasileira, dilui-se nas duas primeiras décadas do século XX, diante do posicionamento de escritores como Mário de Andrade, por afirmar a identidade nacional pelas três raças: o negro, o índio e o branco, dando ao negro a devida integração à sociedade e a literatura, desconstruindo esteriótipos.

Acreditamos que Mário de Andrade compromissou-se no processo de construção da nacionalidade brasileira, elegendo como componente desta o negro também. Assim Mário de Andrade insere a presença do negro na literatura fugindo ao plano de inserção preconceituosa feita no Romantismo, Realismo, Naturalismo, Pré-modernismo, desconstruindo a materialização de inferioridade que englobava a perspectiva do negro no Modernismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

ANDRADE, Gentil de. *Pensamentos e reflexões de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléia Zantto Manfio. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1987

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2ªed. rev., São Paulo, Martins, 1964.

_____. *Literatura como forma de resistência*. Comunicação apresentada no Perfil de Literatura negra. Mostra Internacional de São Paulo. São Paulo, 1985.

BANDEIRA, Maria Lourdes. *Território Negro em espaço branco*.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. _____ . *A questão da negritude*. São Paulo, Brasiliense, 1984. _____ . (org.). *Poesia negra brasileira*. Antologia. Porto Alegre, AGE/EL/IGEL, 1992.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1979. _____ . *Literatura e resistência*. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Negro brasileiro negro. nº 25, 1997.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas, Pontes, 1988

LOBATO, Monteiro. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo, Brasiliense, 1951

LOBATO, M. O Saci. São Paulo: Editora Nacional, 1921.
 _____ . *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Ed. Nacional, 1931.
 _____ . *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Ed. Nacional, 1933.
 _____ . *Aritmética da Emília*. São Paulo: Ed. Nacional, 1935.
 _____ . *Memórias da Emília*. São Paulo: Ed. Nacional, 1936.
 _____ . *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Ed. Nacional, 1937

LOPES, Nei. *Incursões sobre a pele*. Rio de Janeiro, Artium, 1996

PROENÇA FILHO, Domício. *Dionísio esfacelado: (Quilombo dos Palmares)*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979

_____. *A linguagem literária*. 7ª ed. rev., São Paulo, Ática, 1999.

_____. *Pós-modernismo e literatura*. 2ªed., São Paulo, Ática, 1992.

_____. Notas para um debate sobre literatura negra. I Perfil de Literatura Negra. Mostra Internacional de São Paulo, São Paulo, 1985.

_____. A participação da literatura no processo abolicionista. II Perfil de Literatura Negra. Mostra Internacional de São Paulo, 1987.